



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MARIA EDUARDA GODOI DA COSTA

**Relevância da Agricultura Familiar Camponesa no Município de Cumaru – PE.**

Recife,  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MARIA EDUARDA GODOI DA COSTA

**Relevância da Agricultura Familiar Camponesa no Município de Cumaru – PE.**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Mônica Cox de Britto Pereira

Recife,  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Costa, Maria Eduarda Godoi da.

Relevância da Agricultura Familiar Camponesa no Município de Cumaru - PE  
/ Maria Eduarda Godoi da Costa. - Recife, 2024.

57 p. : il., tab.

Orientador(a): Monica Cox de Britto Pereira

(Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e  
Ciências Humanas, , 2024.

Inclui referências, apêndices.

1. Agricultura. 2. Camponesa. 3. Familiar. 4. Agroecologia. I. Pereira,  
Monica Cox de Britto. (Orientação). II. Título.

630 CDD (22.ed.)

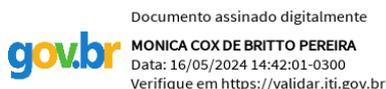
**MARIA EDUARDA GODOI DA COSTA**

**RELEVÂNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA NO  
MUNICÍPIO DE CUMARU-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora para a obtenção do grau de Bacharela em Geografia, do curso de Geografia Bacharelado da Universidade Federal de Pernambuco.

Aprovado em: 01/04/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup> Mônica Cox de Britto Pereira - Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Msc. Raimundo Daldenberg Pereira Bertino - Educador Agroflorestal Diaconia

---

Prof. Dr. Lucas Oliveira do Amorim - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## Dedicatória

Escrevo com a força e perseverança que aprendi com minha mãe e, com isso, dedico cada palavra deste projeto para ela; este percurso acadêmico é nosso.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ser o Lugar e a Pessoa que me concebe paz e Esperança de Vida, me direcionado com sabedoria em todo meu percurso. A minha avó, dona Dora, por sempre ser por mim, sendo meu ponto de palavras de afirmações. A Godoi mãe, que desde meu nascimento, coloca os pés antes de tudo, com o Senhor, para que eu pudesse pisar; sendo minha motivação primária em tudo. A minha irmã Rafaela Godoi, que sempre se fez ouvido e presente em minhas alegrias e angústias. Ao meu avô Moacir Godoi, que hoje não se faz presente entre nós, mas que tenho certeza que estaria vibrando e celebrando este momento comigo. A toda família Godoi e amigos que são família, Diego, Isabel, Márcia, Delza, Júlia, Renata, Kátia e ao Grupo “em tudo”, pela torcida e apoio em cada etapa, me ajudado com palavras de incentivo e sendo presente. As minhas amigas, amigos de curso, e de vida, a Taís, Gabriele, Lavínia e Lara, que são meus pontos de segurança e apoio. Aos meus professores e orientadora, por acreditar no meu potencial para desenvolver este projeto.

A todos que contribuíram com palavras de incentivo e de esperança, me fornecendo tranquilidade nesse tempo, o meu muito obrigada. “Até aqui nos ajudou o Senhor, por isso sou feliz”.

## RESUMO

Na história da agricultura, o ser humano desenvolveu em seu espaço geográfico, formas de produção para seu sustento por meio de atividades como o plantio e cultivo de frutos e alimentos. Esse conjunto de atividades constituem agriculturas diversas mantidas de geração em geração, porém a agricultura familiar camponesa tem sofrido com o processo de modernização, industrialização da agricultura, valorização do meio urbano e a falta da valorização da agricultura familiar camponesa. Este estudo tem como intuito relatar a vivência e visão sobre a tradição na agricultura e sua relevância para agricultores e agricultoras de povoados do Município de Cumaru, localizado no agreste Pernambucano, a partir de múltiplas dimensões, dentre elas a diversidade alimentar e a relação com a natureza. Além disso, evidenciar o ser humano como parte da natureza, com a percepção da tradição a partir da riqueza de saberes. Dessa forma, a base metodológica da pesquisa foi o trabalho de campo, a observação participante, em uma pesquisa de cunho qualitativo e exploratório, por meio do relato dos agricultores, bem como análise documental. Assim, evidenciamos a perspectiva dos entrevistados acerca do conhecimento tradicional na agricultura, a luta pela permanência no campo, o legado da agricultura familiar camponesa, e das organizações que lutam por meio da Agroecologia para fortalecimento da agricultura familiar camponesa, chave na produção de alimentos, conservação ambiental e na relação da sociedade com a natureza.

**Palavras-chave:** Alimento; Tradição; Agricultura familiar camponesa; Agroecologia, Segurança e Soberania alimentar.

## ABSTRACT

In the history of agriculture, human beings developed in their geographic space, forms of production for their sustenance through activities such as planting and growing fruits and foods. This set of activities conform diverse agricultures maintained from generation to generation, but family traditions have suffered from the lack of encouragement in the countryside and the lack of appreciation for family farming. This study aims to report the experience and vision of the agricultural tradition and its relevance for the residents of the Municipality of Cumaru, located in rural Pernambuco. Furthermore, highlighting the human being as part of nature, with the perception of tradition as culture and not just as a resource. In this way, the methodological basis of the research was the fieldwork, the participative observation, outlining a qualitative and exploratory method, through residents' reports and documentary analysis. Thus, highlighting the interviewees' perspective on traditional agricultural knowledge and the struggle to maintain the legacy of peasant family farming, and organizations that fight through Agroecology to strengthen peasant family farming, key to food production, environmental conservation and society's relationship with nature.

**Keywords:** Food; Tradition; Territory; Peasant family farming; Agroecology; Food Security and Sovereignty.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 –</b>	Mapa de localização do Município de Cumaru, Pernambuco.....	23
<b>Figura 2 –</b>	Plantação de palma no Sítio em que a Agricultora Zefa reside.....	31
<b>Figura 3 –</b>	Junção das plantações de palma forrageira nos sítios visitados.....	31
<b>Figura 4 –</b>	Plantação no sítio que dona Zefa faz parte.....	32
<b>Figura 5 –</b>	Criação de suínos no Sítio da Agricultora Zefa.....	33
<b>Figura 6 –</b>	Jovem agricultor Junior apresentando as terras de sua família.....	34
<b>Figura 7 –</b>	Plantação de jabuticaba nas terras do agricultor João Tavares.....	35
<b>Figura 8 –</b>	Agricultor João Tavares mostrando o moinho de milho em sua residência.....	36
<b>Figura 9 –</b>	Casa de farinha apresentada pela agricultora Teteia, filha do agricultor Sr. João Tavares.....	37
<b>Figura 10 –</b>	Agricultura Tetéia alimentando sua criação de gado.....	38
<b>Figura 11 –</b>	Agricultora Tetéia apresentando seu sítio.....	39
<b>Figura 12 –</b>	Local onde é realizada a emissão do CAF para que os agricultores e agricultoras possam realizar o Cadastro.....	41
<b>Figura 13 –</b>	Frente do local para Emissão do CAF (Cadastro Nacional da Agricultura Familiar é o documento que dá acesso de	

	todos os agricultores e empreendedores familiares rurais, às políticas públicas direcionadas ao segmento).	41
<b>Figura 14 –</b>	Visita ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais em Cumaru -PE.....	42
<b>Figura 15 –</b>	Sede do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais em Cumaru – PE	43

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1 –</b>	Povoados em que os agricultores e agricultoras residem no Município	24
<b>Quadro 2 –</b>	Principais alimentos em comum, no cultivo dos agricultores entrevistados.	27
<b>Quadro 3 –</b>	Criação de animais, em comum, pelos agricultores entrevistados.	28
<b>Quadro 4 –</b>	Produção dos agricultores e agricultoras com base na pesquisa de campo.	29

## LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** – Comparação dos estabelecimentos agropecuários a nível municipal e estadual Cumaru, Pernambuco..... 26
- Tabela 2** – Pessoal ocupado no estabelecimento todas as pessoas que trabalharam em atividades agropecuárias ou em atividades não-agropecuárias de apoio às atividades agropecuárias, juntamente com as pessoas que tinham laços de parentesco com eles e que estiveram trabalhando no estabelecimento, no período de referência” (BDE)..... 26

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BDE	Base de Dados Estadual
CAF	Cadastro Nacional da Agricultura Familiar
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPA	Instituto Agrônômico de Pernambuco
PIB	Produto Interno Bruto
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

## SUMÁRIO

PRÓLOGO .....	12
1.INTRODUÇÃO	14
2.IMPORTÂNCIA DOS SABERES LOCAIS NA AGRICULTURA	18
3.AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA EM CUMARU, PERNAMBUCO	23
3.1 Relevância da agricultura para a população de Cumuaru: os desafios da permanência na terra	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE A .....	53
APÊNDICE B .....	56

## PRÓLOGO

A Agricultura está enraizada em algumas famílias, sendo parte da história, carregando um legado para as futuras gerações.

Minha família materna carrega em sua história o legado da agricultura. Durante minha infância, minha família tinha uma mini horta no quintal de casa. O manuseio da mesma era conduzido pelo meu avô, onde a plantação se direcionava a plantação de tomate, chuchu, cebolinha, mamão, acerola e coentro. Por anos a família consumia esses alimentos cultivados na plantação de meu avô. Esse contato com o cultivo se constrói a partir da vivência do meu avô na cidade de Ipiranga, município da zona sul de São Paulo. De acordo com seus contos, durante minha infância mencionava suas experiências em meio às plantações com o seu pai. Em busca de novas oportunidades, se dirigiu para a cidade do Recife, onde continuou tendo essa vivência, sendo que em pequena escala.

Parte da minha família materna vem do Município de Timbaúba (PE), onde também tinham vínculo com a agricultura. Segundo os relatos da minha avó, o marido da minha bisavó era agricultor e as plantações se direcionaram para o plantio de milho, feijão, fava e algodão. Minha bisavó foi a primeira mulher da família a dirigir-se para Recife, construindo um pequeno sítio no bairro de Dois Irmãos. A prática de plantio na cidade foi plantação de bananeiras, mamão, e pequenas hortaliças, somando a criação de alguns animais, como exemplo a criação de galinhas.

A partir da história da minha família, percebe-se que a presença de agricultores, encontra-se na parte do meu avô e sua família do interior de São Paulo. Posso notar que, a partir do afastamento do campo, e maior proximidade com a cidade, as práticas de cultivo começam a se distanciar da realidade que minha família decidiu percorrer. O legado não permaneceu na geração que permaneço. Perceber a devida importância que a agricultura tem na sociedade, que pode ser construída, foi na disciplina ofertada do meu curso: Agroecologia<sup>1</sup>. Sendo possível

---

<sup>1</sup> Disciplina Agroecologia ofertada para o Curso de Geografia (licenciatura e Bacharelado desde 2014), ver: Pereira, Mônica Cox de Britto. Agroecologia na formação universitária: da ecologia à Agroecologia e do ecossistema ao agroecossistema. Cadernos de Agroecologia v. 11, n. 1 (2016) 1-14p.

perceber que, a partir da agricultura familiar pode-se obter um entorno imerso na segurança alimentar, em práticas de produção alimentar sustentável e tradicional.

Com a disciplina da agroecologia pude me encontrar com esse meio e compreendê-lo, identificando os traços presentes no meu vínculo familiar. Além da cadeira ofertada pelo departamento, pude aprimorar e exercer ainda mais sendo monitora da disciplina, sendo um pilar de relevância em minha caminhada para a formação na Geografia.

Buscando conhecer o passado de seu meio familiar, constrói uma sociedade que preserva e conserva práticas tradicionais, desenvolvendo e conservando os saberes das ações que fazem parte de sua história. Saber de onde começa suas raízes, pode mudar a visão que temos hoje, para que o amanhã possa ter uma referência social e ambiental. Perceber a ruptura do legado da minha família, e poder viver em trabalho de campo e ver famílias que lutam por esse legado, me faz perceber a importância de voltar meus olhos para o meio rural, para a prática da agricultura, da Agroecologia.

## 1. INTRODUÇÃO

A Agroecologia abrange facetas que agregam a justiça ambiental, social e econômica, tendo a visão de promover atividades agrícolas que estejam vinculadas com o uso adequado e sustentável do meio. Dessa forma, o incentivo à produção agroecológica constrói uma melhor qualidade no que se refere ao consumo alimentar. Essa característica torna-se visível a partir da abordagem do fortalecimento das condições da agricultura camponesa de bases agroecológicas, corroborado pela valorização dos conhecimentos tradicionais das populações e culturas de povos locais.

Os parâmetros de sustentabilidade estão inseridos na agroecologia, onde atua com a consciência socioambiental. Essa concepção ecológica no modo de produção surge com a inserção da mecanização no sistema agrícola, a partir da ruptura com o modo de conceber a agricultura conforme ressalta PEREIRA (2012) Sendo assim, conforme na sociedade vai se dando a industrialização da agricultura vai trazendo uma agricultura convencional, onde se dá o marco inicial para o uso de produtos químicos no meio rural, a partir do uso de fertilizantes, agrotóxicos em um plantio agrícola unificado, caracterizado como uma monocultura extensiva<sup>2</sup>.

De acordo com SHIVA (2003), as monoculturas são uma fonte de escassez e pobreza, tanto por destruir a diversidade e as alternativas quanto por destruir o controle descentralizado dos sistemas de produção e consumo.

O plantio na perspectiva da maximização da produção, conta com uma visão de “produtividade” que apenas tem base na crescente escala de produção, sem observar e ter a devida preocupação e cautela com a biodiversidade.

A agroecologia começa a ser formulada como resposta de ação de interferência no sistema convencional na forma de produção, assim, prezando pelo sistema de cultivo ecológico, com os princípios alinhados à conservação da biodiversidade, alinhando-se com a segurança da saúde alimentar humana. Inserido nesse movimento, a agricultura familiar camponesa<sup>3</sup> começa a ser mais evidente,

---

<sup>2</sup> Ver Pinheiro Machado e Pinheiro Machado (PINHEIRO MACHADO, Luiz Carlos & PINHEIRO MACHADO FILHO, Luiz Carlos. **A Dialética da Agroecologia**: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

<sup>3</sup> Ver Marques, Marta Inez (2008).

devido ao papel das famílias perante essa diversificação de cultivo. O olhar para as comunidades locais, e sua forma de produção, resulta em uma valorização da história da agricultura familiar camponesa, da perspectiva ecológica de relação com o ambiente, e, assim, do legado da agricultura familiar na perspectiva da Agroecologia.

Com base nesse contexto, abordar a relevância da agricultura familiar camponesa e o legado familiar entre as famílias no Município de Cumaru em Pernambuco será o ponto central deste trabalho. A formação estrutural do presente estudo será conduzida por uma análise documental qualitativa, dada a partir de relatos dos agricultores residentes em Cumaru/ Pernambuco. Dessa forma, em um primeiro momento, traçaremos a relevância da agricultura para o município, objetivos da pesquisa e a motivação para tal.

## **OBJETIVOS**

### Objetivo Geral

O presente trabalho tem como intuito principal relatar a relevância da permanência da agricultura camponesa entre as gerações familiares da população residente no município de Cumaru – Pernambuco, evidenciando tal prática como tradição da Região.

### Objetivos Específicos

- Identificar as famílias que vivem por meio da produção e do consumo da agricultura na área de estudo;
- Levantar aspectos relacionados ao afastamento das pessoas das atividades do campo;
- Enunciar o cotidiano do sistema de produção dos agricultores locais que tem a agricultura enraizado em sua estrutura familiar;
- Abordar a relevância da atividade da agricultura camponesa como tradição para o território.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O trabalho de campo caracteriza-se como meio utilizado para a realização da pesquisa, tendo sido realizado no período de 29 de janeiro de 2024 a 1º de fevereiro

do mesmo ano. Ademais, foi constituído por uma análise descritiva de abordagem qualitativa, a partir de relatos de agricultores familiares do Município de Cumaru - PE.

A abordagem descritiva está presente neste trabalho, sendo ponto chave do registro para o andamento relatado e situações vividas. Através da descrição que se obtém o entendimento da consolidação analítica desenvolvida, a fim de relatar com clareza e cautela para formulação do presente trabalho. A importância da descrição está no ponto de vista mediador que o pesquisador precisa ter, relatando as situações em diferentes visões da pessoa que presencia certo ambiente (BRANDÃO, 2007). A entrevista aberta permite ir trazendo a história da vida dos envolvidos, conforme ressaltado a seguir:

A experiência de puxar uma entrevista pelo fio de vida passa muito por aí. Existem pessoas para quem o melhor caminho, em que elas se sentem respeitadas e valorizadas, é quando se perguntam coisas que têm a ver com a comunidade, a partir da experiência delas, a experiência de migrante, de trabalhador, de lavrador, de gente do povo, de artista popular (BRANDÃO, 2007. p.19).

O conhecimento prévio do Município, devido a amigos residentes na região, contribuiu para uma comunicação já direcionada com as pessoas do local. A partir da análise da forma que as pessoas vivenciam o dia a dia no campo, foi titulado o “roteiro livre” nas conversas, caracterizando-se como o método utilizado para desenvolver as entrevistas, tendo em conta a descrição do objetivo da pesquisa como base nas conversas. Os relatos do convívio, em forma de conversa, sem questionamentos diretos, facilitam a liberdade, a naturalidade e conforto do entrevistado.

Segundo Brandão (2007), a construção das relações no percorrer do projeto acarreta na familiaridade com o indivíduo entrevistado, onde o estranhamento não se torna uma problemática em sua formulação. O “tempo de mesa” com o outro, torna-se o momento em que as conexões são entrelaçadas e espontâneas, formando a familiaridade entre as pessoas. Quando se busca ouvir e estreitar laços durante um trabalho de campo, a confiança construída faz com que a pesquisa tenha detalhes confiáveis da vivência da pessoa.

A construção da pesquisa inicia com um estudo bibliográfico sobre inserção da agricultura no meio, enfatizando o ser humano como parte integrante da

natureza, e como sistemas para o modo de vida foram sendo desenvolvidos a partir da mesma. Com base nessa concepção, o trabalho em tela começa a alinhar-se ao entendimento referente às práticas da agricultura local e sua relevância para a população. Fundamentado nisso, o Município de Cumaru foi a área de campo selecionada para tal abordagem. A partir do deslocamento para a localidade, a conjuntura da pesquisa se formula por meio do registro de informações dos moradores agricultores residentes no Município.

As entrevistas aconteceram com uma apresentação prévia relatando o intuito do estudo, sendo feita por um diálogo baseado em relatos, tendo como base o vínculo que a família do agricultor ou agricultora possui com a agricultura, e como tem sido a passagem de legado para as gerações seguintes da família. Além disso, o direcionamento sobre a rotina com a agricultura e se os entrevistados queriam seguir o legado dos seus pais agricultores.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada com onze (11) moradores agricultores e agricultoras rurais de Cumaru, dos povoados de Goiabas, Lagoa de Aninha, Pedra Branca, Riacho das Almas, contando com as representantes da Associação de Agricultores e o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadores Rurais de Cumaru – PE (Quadro 1), sendo fundamentada na vivência familiar no campo. A composição fotográfica e os nomes citados obtiveram a autorização dos entrevistados. A pesquisa de campo decorreu a partir da relação que os entrevistados rurais têm com a prática e convívio com as atividades agrícolas no Município. Fundamentado na pesquisa de campo, os entrevistados discorreram sobre a relação de sua família com o campo, e a partir disso traçaram uma linha histórica de convívio com a agricultura.

**Quadro 1: Povoados nos quais agricultores e agricultoras entrevistados residem no Município de Cumaru/PE.**

<b>Sítio Lagoa de Aninha</b>
<b>Sítio Pedra Branca</b>
<b>Sítio Riacho das Almas</b>
<b>Goiabas</b>

Fonte: Autora (2024).

## 2. IMPORTÂNCIA DOS SABERES LOCAIS NA AGRICULTURA

A partir do processo de formação da sociedade, é notório o quanto o ser humano buscou, e busca, alternativas para o avanço e praticidade da vida no campo e na cidade. Na agricultura, pôde-se perceber a interferência do modo não sustentável e inseguro em relação ao consumo saudável. A forma que a natureza é vista pelo ser humano expressa uma visão voltada para o consumo de recursos e fonte de renda por meio dos “recursos ecossistêmicos” (KRENAK, 2021). Nota-se o afastamento do ser humano com a natureza, onde a visão humana não se insere como parte de tal, tornando o lugar que está inserido apenas como um produto, utilizando “seus bens” para gerar capital. Essa Monocultura da Mente arquiteta e gera apenas os produtos que fornecem bens para a circulação do capital, sendo ela um dos maiores agentes para a redução da biodiversidade (SHIVA, 2003)

Com a Revolução Verde, é perceptível as alterações e mecanização da produção; assim, a forma de produzir limita-se a apenas a algumas espécies, sendo um plantio menos diversificado, contudo, produzindo em escala maior alimentos e produtos “atrativos” ao mercado. Diante todas essas mudanças, vale destacar os custos que a produção passa a ter devido ao pensamento de agilidade na produção, de acumulação sem considerar a degradação da diversidade do ecossistema, conforme destaca Mônica Pereira (2005):

O modelo da Revolução Verde pode ser caracterizado como um sistema insustentável sob o aspecto social e ecológico que leva a degradação do ecossistema diversificado, a diminuição da biodiversidade e da produtividade. Por outro lado, sob a concepção reducionista da Revolução Verde considera-se a monocultura como um sistema produtivo (PEREIRA, 2005. p.4).

Além dessa conjuntura, a autora ainda menciona:

O processo de modernização da agricultura ao longo do século XX levou a grandes transformações e a uma ruptura no modo de conceber a agricultura. Podemos considerar a Revolução Verde como outro paradigma, ao compararmos com a chamada “Primeira Revolução Agrícola”. Esta se refere à intensificação do uso da terra, porém, referenciada nos recursos e ciclos ecológicos endógenos. Ocorreu a partir do século XVIII quando na agricultura a integração entre atividades agrícolas e pecuárias levou ao plantio de forragens (leguminosas na maioria) por meio de sistemas de rotação com outras culturas e desempenhou grande melhoria da fertilidade dos solos a partir da integração dos ciclos ecológicos e, sobretudo a valorização das variedades locais e da autonomia do agricultor (PEREIRA, 2005. p.1).

O sistema agrícola insere em seu modo de produção o uso de produtos com a presença de fertilizantes, para acarretar agilidade no sistema produtivo, fornecendo maior quantitativo de produção. Essa forma de produção, está alinhada à visão de expansão quantitativa produtiva, onde as práticas da monocultura inserem-se no contexto social, intensificando a visão do sistema que enriquece as esferas dominantes da sociedade. Dessa forma, torna-se evidente que, a visão de plantio e cultivo atualmente visa tornar as estruturas ecológicas como mercadoria e como meio de produção. As atividades humanas contribuem e constroem essa linha de pensamento, deixando as práticas e o entendimento da relevância sobre conservação cultural e ecológica como não importante.

O avanço tecnológico concebe ao ser humano inúmeras formas e pensamentos que visam a ampliação de melhorias para o ambiente que está inserido. O verdadeiro desenvolvimento acontece quando essa questão está alinhada com as causas socioambientais, porém as ideias dominantes de progresso e civilização levaram o desenvolvimento a uma ferramenta neocolonial como bem ressalta em suas reflexões ACOSTA (2016):

Sem ignorar as vantagens que podem ser obtidas com os avanços tecnológicos, queremos superar as visões ingênuas e até mesmo simplórias com que são recebidos estes “avanços”. E, sem negar os elementos positivos da ciência e da tecnologia, há que se compreender o que representam os elementos fundacionais das ideias ainda dominantes de progresso e civilização: ideias que amamentaram o desenvolvimento, convertendo-o em uma ferramenta neocolonial e imperial. (ACOSTA, 2016. p.6).

“A cidade oferece todos os serviços, mas perdeu-se a qualidade de vida, a dimensão da natureza do ser humano e a espontaneidade do prazer de viver”

(PEREIRA, 2005). A área territorial habitada começa a ser apenas um local de fornecimento de recursos, e não um lugar que proporciona prazer em contemplar e se relacionar com a natureza.

Há comunidades locais que ainda resistem a implementação da monocultura, buscando passar para as próximas gerações o conhecimento ecológico, a fim de não extinguir sua cultura devido ao sistema da monocultura (SHIVA, 2007): “Onde o saber local não é extinto por completo, as comunidades resistem à destruição ecológica perpetrada pela introdução da monocultura” (SHIVA, 2003. p. 73).

A concepção de observar o ser humano como agente separado da natureza está presente na sociedade, sendo analisada por Krenak (2019), essa dicotomia da sociedade em segregar os indivíduos da natureza, baseia a relação entre ambos na exploração e visão de produção de recursos, tornando a natureza como fonte de renda. Com base na perspectiva de separação relacional homem-natureza, o ser humano acaba colocando-se em posição de agente explorador, enxergando a natureza como mercadoria e lugar de geração de produtos. Dessa forma, tornando a natureza base de exploração de recursos, acarreta o afastamento humano dos campos, devido às “capitais” se tornarem atrativas para moradia e emprego (KRENAK, 2021).

As ações exploradoras, sem consciência do ser humano, ocasionaram o afastamento do mesmo com o natural. Essas práticas exploradoras, com o objetivo de obter matérias e recursos, resultam no que muitos entendem como “desenvolvimento”, porém, que desenvolvimento? O desenvolvimento como um todo abrange as esferas do social, o cultural, o ambiental e o que tanto se ouve: o desenvolvimento econômico. Essa questão faz com que o desenvolvimento que tanto se preza, seja o crescimento econômico (PEREIRA, 2005.).

O local de nascimento começa a ser notado apenas como um local para o fornecimento de recursos, e não um lugar onde proporciona prazer em se relacionar com a natureza e tudo aquilo que pode ser desfrutado de forma sustentável dela (KRENAK, 2021).

Segundo Krenak (2021) é necessário obter o verdadeiro conhecimento perante a concepção humana como parte da natureza:

“Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas,

incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela” (KRENAK, 2021 p. 33).

Alguns recursos começaram a receber alerta de escassez, devido o uso frenético sem a devida conservação. Uma parcela da sociedade tem ciência do quanto a ação humana na natureza tem uma reação. Muito é falado da intensidade da reação da natureza ocasionando o que muito se pensa sobre “catástrofes”. O ser humano recebe a reação que ele mesmo proporciona, e acaba se colocando em uma posição distante do meio que de fato faz parte: a natureza.

As primeiras práticas agrícolas eram um prolongamento da vida natural. Em vez de agressão, se é que havia, melhor seria a palavra “intervenção” do homem, que era mínima. Iniciava, sim, uma intervenção consciente do ser humano no meio ambiente (FELDENS, 2018. p.21).

De acordo com MACHADO e FILHO (2014), a Agroecologia, como nós a compreendemos, dispõe dos conhecimentos para superar a monocultura e a quebra da biodiversidade, consequência inexorável do agronegócio. Sendo assim, o autor traz a Agroecologia como um método, um processo de produção agrícola - animal e vegetal - que resgata os saberes que a “revolução verde” destruiu ou escondeu, incorporando-lhes os extraordinários progressos científicos e tecnológicos dos últimos 50 anos, configurando um corpo de doutrina que viabiliza a produção de alimentos limpos, sem venenos, tanto de origem vegetal como animal, fundamental, básico, indispensável, em qualquer escala (p.36).

A categoria camponesa é abordada por Marques (2008), que traz a perspectiva sócio-político cultural, e a perspectiva política da agricultura familiar camponesa. Fundamentado nessa questão, por meio da autora Marta Inez Marques (2008), que defende a atualidade e a pertinência da utilização do conceito de camponês para a análise e compreensão da realidade agrária brasileira, entende-se com a agricultura familiar camponesa uma construção na abordagem dialética sobre

seu conteúdo sociopolítico e cultural. A partir disso, o conceito de agricultura familiar e o uso do conceito de camponês apresenta evidências em estudos sobre a luta pela terra e a reforma agrária sobre a predominância de referências camponesas entre os valores que orientam essa luta e a forma de organização social e territorial nos assentamentos rurais.

De acordo com Victor Toledo (2021), a terra para muitas comunidades tradicionais é vista como sagrada devido seu valor cultural, sendo também símbolo e identidade regional para o povo. A reverência a terra se torna algo comum, sendo praticada e respeitada. Essa visão está para além daqueles que apenas a enxergam como fonte de recurso econômico.

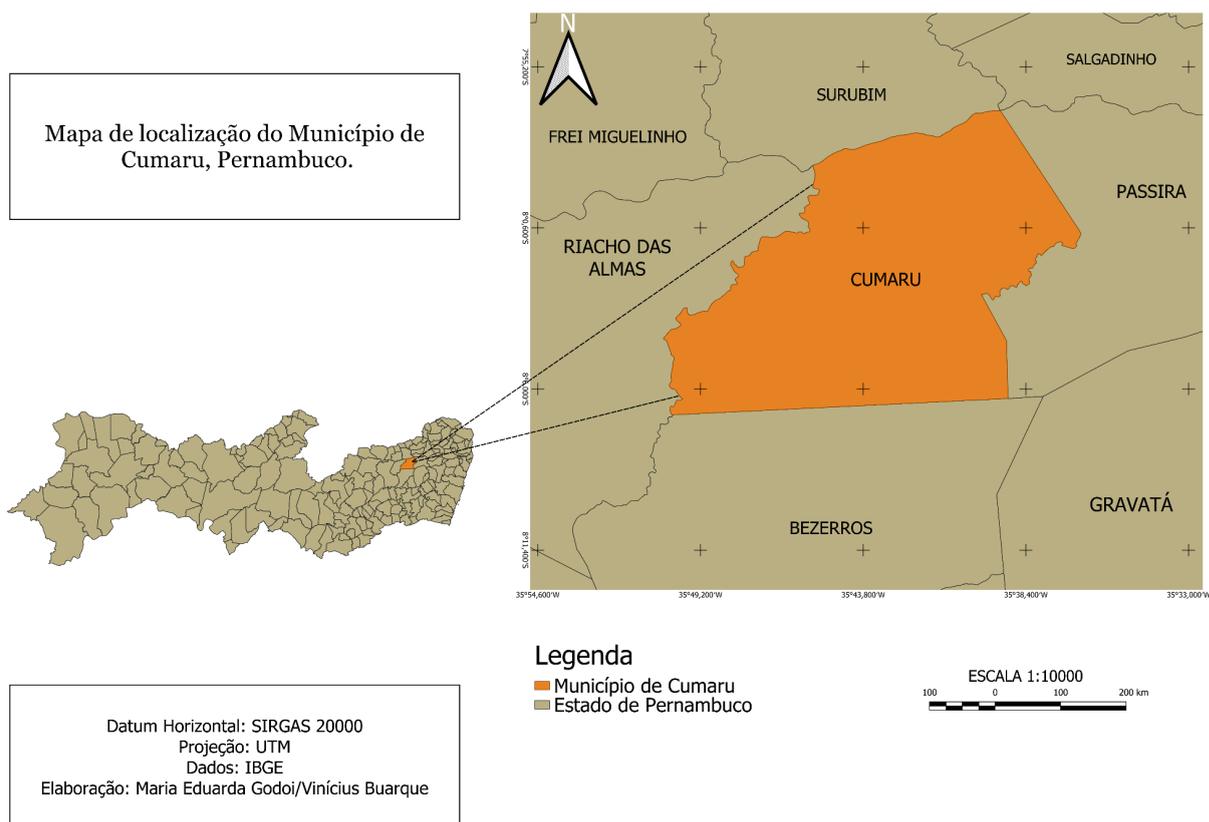
A substituição dos saberes locais por uma monocultura que está a cada dia sendo ampliada no campo, traz práticas que limitam e anulam a diversidade de manejo. Tal prática anula o saber local, acarretando a perda da diversidade e sustentabilidade (SHIVA, p.68, 2010). Shiva ressalta que: “O aumento da produtividade do ponto de vista comercial destrói a produtividade do ponto de vista das comunidades locais” (SHIVA, 2010. p.68). Dessa forma, percebe-se o saber local buscando permanecer na forma de cultivo, combatendo uma monocultura de mente, onde a produtividade está sendo o forte interesse na sociedade.

Os saberes tradicionais, dos povos e comunidades locais, são compartilhados e reeluzados de forma coletiva, expressando sabedoria do convívio do lugar que estão inseridos. Toledo (2001) disserta acerca de uma abordagem de cognição passada de geração em geração entre esses povos, relatando a memória e o compartilhar de tais ensinamentos, como o fator de transmissão principal para a permanência dos saberes locais.

### 3. AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA EM CUMARU, PERNAMBUCO

O município de Cumaru está situado no agreste meridional do Estado de Pernambuco, região nordeste do Brasil, à margem do rio Capibaribe, e apresenta área territorial de 292,231km<sup>2</sup> (IBGE, 2022). A região se encontra a 443 metros de altitude, dentre as coordenadas 08°00'22" sul e a uma longitude 35°41'50" oeste. Com base no Censo Demográfico, a população cumaruense estima 15.920 pessoas em sua região, com 54,48 habitantes por km<sup>2</sup> (IBGE, 2022). Cumaru faz divisão com os municípios de Bezerros, Salgadoinho, Surubim, Riacho das Almas e Passira.

**Figura 1:** Mapa de localização do Município de Cumaru, Pernambuco.



**Fonte:** Autora (2024).

O município está localizado na mesorregião do agreste pernambucano e microrregião do médio Capibaribe (IBGE, 2021), e apresenta como característico o bioma da caatinga hipoxerófila (ZANE - EMBRAPA, 2000) em seu território.

“Cumaru é classificado na hierarquia urbana como um centro local. Na tipologia rural-urbana esse município é definido como rural adjacente, pois apresenta dependência dos serviços localizados nos centros de zona do entorno e possui distribuição dispersa da população pelo território” (SOARES, J; BEZERRA, A.; SÁ, A./2021. p.56).

O município insere-se na Região dos Maciços e Serras Baixas, configurando-se de serras e vales, devido à presença de relevo alto. A partir dessa característica da Região, nota-se que o relevo diversificado contribui para a diversidade das atividades de plantio. Além desse fator, Cumaru caracteriza-se por um clima semiárido, apresentando condições de aridez, onde a seca torna-se uma estação prolongada, e a estação úmida contribui com precipitações relativamente concentradas.

A formação populacional do município possui grande efeitos na migração de muitas famílias que residem no entorno da divisa com o território. A agricultura familiar começa a ser uma atividade praticada e ensinada de geração em geração, caracterizando e sendo uma tradição familiar para a população de Cumaru.

A área de Cumaru pertencia ao município de Limoeiro (PE), sendo denominado e conhecido em 1892 como “Malhadinha”. A partir de 1963, foi desmembrado de Limoeiro, passando a ser chamado de “Cumarú” (a grafia foi atualizada para Cumaru em 1948). Sendo assim, a elaboração da Lei nº 4.986, em 20 de dezembro de 1963, firmou Cumaru na categoria de Município, que se emancipou em 1964 (IBGE, 2017).

A agricultura presente em Cumaru se caracteriza por uma agricultura familiar camponesa, que se apresenta em pequenas áreas rurais que desenvolvem papéis de produção em sua localidade a partir da diversidade de cultivos – policultura que tem como base a produção de alimentos. Segundo a Embrapa, em nível nacional, o Brasil possui 80,9 milhões de hectares pertencentes à agricultura familiar, acarretando 23% como área de estabelecimentos agropecuários. O censo indica que 77% dos estabelecimentos no país são de base da agricultura familiar.

A agricultura familiar vincula-se ao meio de produção que configura a interação familiar como base de sua atividade. Essa atividade se direciona às questões do consumo de alimentação de forma saudável, sem a constituição de veneno em seu plantio. Em entrevista, o agricultor destaca que compreende a busca

por uma rotina de agricultura saudável, onde a segurança alimentar pode ser assegurada:

“Só que pra quem vive na agricultura, procura buscar tanto, não só alimentação, mas como criar um animal, um gado, uma galinha, se virar de outras formas, um porco. Porque tanto faz para comercialização ou para própria alimentação, entendeu? A agricultura é voltada a isso. E o que desperta mais da agricultura... Para mim, no meu ponto de vista, é alimentação saudável, né? Sem agrotóxico nenhum. O que a gente busca, no meu ponto de vista, o que eu busco é a questão da alimentação saudável. Não é nem tanto a comercialização. A nossa comercialização mais voltada na agricultura é mais na criação, né? De bovino, suíno”. Agricultor Eduardo, residente do município de Cumaru (2024).

A agricultura familiar é também ressaltada pela capacidade de proteção da biodiversidade e seus ecossistemas, segundo a EMBRAPA (2016):

“a multifuncionalidade da agricultura familiar tem sido cada vez mais reconhecida internacionalmente em função de sua importância não apenas na produção de alimentos, mas pela função essencial de gerar emprego e renda a partir de seus sistemas agrícolas diversificados. Isso garante a segurança alimentar, bem como protege a biodiversidade e os ecossistemas, colaborando assim, para minimizar os riscos decorrentes da degradação ambiental e do aquecimento global” Embrapa, 2016).

A Secretaria Municipal de Municípios apresenta, com base em dados do IPEA, que 40% do PIB de Cumaru é obtido pela agricultura e pecuária. Segundo o Censo (IBGE, 2017), com base na última atualização do parâmetro agropecuário do município apresenta conforme a Tabela 2 a seguir os estabelecimentos agropecuários que estão presentes em Cumaru numa perspectiva de pertencimento no Estado de Pernambuco.

**Tabela 2:** Comparação dos estabelecimentos agropecuários a nível municipal e estadual, Cumaru - Pernambuco.

<b>CARACTERÍSTICAS DOS ESTABELECIMENTOS</b>	<b>Cumaru</b>	<b>Pernambuco</b>	
ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS	20.752	4.471.219	hectares
NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS	2.407	281.688	estabelecimentos

**Fonte:** Censo Agropecuário - IBGE (2017).

Atrelado a tabela 3, apresenta-se as relações de parentesco nos estabelecimentos agropecuários (CENSO, 2017), pode-se notar a partir destes dados que se encontra maior percentual das relações de parentescos nas atividades em Cumaru. Vinculado a esse ponto, baseando-se no trabalho de campo (2024), percebe-se que os vínculos familiares permanecem presentes no território de Cumaru, onde todos os agricultores relatam a presença familiar desde a geração antiga, de seus pais, para com a atual.

**Tabela 3: Pessoal ocupado no estabelecimento.**

PESSOAL OCUPADO EM ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS	5.144	peessoas
COM LAÇO DE PARENTESCO COM O PRODUTOR	4.664	peessoas
SEM LAÇO DE PARENTESCO COM O PRODUTOR	480	peessoas

**Fonte:** Adaptado do Censo Agropecuário - IBGE (2017).

O sistema de produção agrícola em Cumaru se caracteriza por uma agricultura familiar de auto-consumo, onde a produção dos alimentos é para as famílias que estão plantando e cultivando. Com base na pesquisa de campo, os agricultores relatam que as atividades e a circulação de alimentos também acontecem pelo sistema de fornecimento e/ou troca entre os moradores locais, não tendo a venda dos produtos como grande enfoque. A partir do trabalho de campo tornou-se possível compreender as distintas vivências no campo dos agricultores e agricultoras.

O presente estudo identifica, pela pesquisa de campo, as vivências dos agricultores e agricultoras residentes em povoados que formam o território de Cumaru. As práticas agrícolas no município têm raiz familiar, perdura e é importante até os dias atuais. Os agricultores e agricultoras entrevistados residem no Município de Cumaru/PE nos povoados de Sitio Lagoa de Aninha, Sitio Pedra Branca, Sitio Riacho das Almas e Goiabas.

A dinâmica no campo, o uso da terra com as práticas de cultivo e criação de animais demonstra a diversidade de produção existente no território. Dessa forma, torna-se fundamental o cultivo e a criação animal na contribuição com a segurança alimentar, contribuindo para o consumo de alimentos nutritivos. A partir dessa conjuntura, identifica-se por meio das entrevistas os alimentos e criação animal em comum dentre os agricultores e agricultoras em Cumaru (Quadros 2 e 3).

**Quadro 2:** Principais alimentos em comum, no cultivo dos agricultores entrevistados.

<b>CULTIVO</b>	
<b>MILHO</b>	<b>JABUTICABA</b>
<b>MILHO FORRAGEIRO</b>	<b>FAVA</b>
<b>JERIMUM</b>	<b>GOIABA</b>
<b>FEIJÃO</b>	<b>MACAXEIRA/MANDIOCA</b>
<b>PALMA FORRAGEIRA</b>	<b>MANGA</b>
<b>BANANA</b>	<b>ACEROLA</b>
<b>CAPIM</b>	<b>JACA</b>
<b>MAMÃO</b>	

**Fonte:** Autora (2024).

Segundo Bertino (2016), a sobrevivência do povo sertanejo também está fundamentada nas práticas de criação animal, ressaltando que a relevância de tal ação soma na economia familiar e as relações de convívio social, sendo vista como “estratégia de sobrevivência”. Além disso, em publicação, o autor disserta que a partir da criação animal, em períodos de secas, a venda desses animais podem contribuir para o rendimento dessas famílias.

**Quadro 3:** Criação de animais, em comum, pelos agricultores entrevistados.

<b>PECUÁRIA</b>	
<b>GADO</b>	<b>PORCOS</b>
<b>CAVALOS</b>	<b>CABRAS</b>
<b>GUINÉ</b>	

**Fonte:** Autora (2024).

A criação de animais na agricultura familiar camponesa, torna-se um meio de garantia para o sustento e desenvolvimento das famílias no Semiárido (BERTINO, 2017). Dessa forma, associado a essa questão, percebe-se que os agricultores e agricultoras de Cumaru têm como base de sua rotina, a criação animal para consumo. A produção de alimentos e a criação de animais contribuem para a segurança alimentar, que de acordo com Raimundo Bertino (2017), as práticas de cultivo e produção estão elencadas na produção agroecológica, devido ao crescimento dessas atividades no ecossistema. Além disso, o autor discorre perante a contribuição da agricultura familiar no Brasil como benefício para a segurança alimentar, bem-estar animal e fortalecimento das atividades locais.

Fundamentado em todo vínculo de produção dos agricultores e agricultoras em Cumaru, visualiza-se a partir do quadro 4 a seguir, as relações gerais que os entrevistados possuem com as atividades em seus povoados.

**Quadro 4:** Produção dos agricultores e agricultoras com base na pesquisa de campo.

Nº	Nome/apelido	Sexo	O que cria	O que planta	Povoado
<b>Família - 3 Agricultores</b>	<b>João Tavares</b>	<b>M</b>	Galinha; porco; gado; abelha; abelha; guiné.	Milho, feijão, Palma, algodão (citado, mas não planta mais), pinha, graviola, abacaxi, mandioca, manga, jabuticaba.	Pedra Branca
	<b>Teteia</b>	<b>F</b>			
	<b>Júnior</b>	<b>M</b>			
<b>Agricultora 02</b>	<b>Josefa</b>	<b>F</b>	Porcos; galinha.	Milho Feijão, jerimum, hortaliças, palma, manga, jaca.	Riacho das Almas
<b>Agricultor 3</b>	<b>José Bezerra</b>	<b>M</b>	Galinha; gado.	Milho, feijão, jerimum, hortaliças, palma.	Pedra Branca
<b>Agricultor 4</b>	<b>Eduardo</b>	<b>M</b>	Gado; porcos; galinhas.	Milho, hortaliças, palma.	-
<b>Agricultora 5</b>	<b>Maria Aparecida</b>	<b>F</b>	Gado; galinhas.	Milho, feijão, hortaliças; palma.	Sítio Lagoa de Aninha
<b>Agricultora 6</b>	<b>Martinele</b>	<b>F</b>	Ovelha; galinha, gado.	Milho, feijão, hortaliças; palma.	Sítio Lagoa de Aninha
<b>Agricultora 7</b>	<b>Daniele</b>	<b>F</b>	Gado; galinha.	Milho, feijão, hortaliças; palma.	Sítio Lagoa de Aninha
<b>Agricultora 8</b>	<b>Nadjane (Sindicato)</b>	<b>F</b>	Gado; galinha.	Milho, feijão, hortaliças; palma.	Sítio Goiabas

Fonte: Autora (2024).

A partir do quadro 4, observa-se que uma das dinâmicas em comum entre os trabalhadores e trabalhadoras rurais se caracteriza pela plantação de palma

forageira, tornando-se evidente em todo sítio que pratica atividades voltadas para a agricultura no semiárido.

Sendo a base da formação alimentar dos animais, a palma forrageira configura o recorte do semiárido brasileiro. Conforme publicado pela EMBRAPA (2016), a vasta plantação da palma forrageira desenvolve-se com mais adaptabilidade nas regiões áridas e semiáridas do mundo, caracterizadas devido ao baixo nível pluviométrico e à zona seca. A Revista Cultivar em publicação sobre a Palma Forrageira (2015), aponta a ecologia da palma como contribuinte para sua capacidade de ser adaptada a áreas com nível baixo de pluviometria:

Assim como boa parte das plantas xerófilas, e de ambientes semi-áridos a desérticos, as palmas apresentam o metabolismo ácido crassuláceo, conhecido como mecanismo CAM. A grande diferença entre estas e as plantas C4, está no processo de fechamento dos estômatos durante o período diurno, para evitar a perda excessiva de água, e a abertura durante o noturno. Assim as plantas CAM absorvem CO<sub>2</sub> durante a noite, transformando em ácidos orgânicos, onde se decompõem e liberam no dia seguinte o CO<sub>2</sub>, que é assimilado pelo ciclo de carbono.

O cultivo da palma possui baixo custo para produção alimentar dos rebanhos. Dessa forma, foi observado, nos sítios e menções dos agricultores e agricultoras consultados, que todos possuíam em comum a plantação da palma forrageira em suas localidades para ser alimento das criações de gado (figuras 2 e 3). Assim, configurando outra atividade comum em prol da criação de animais.

**Figura 2** - Plantação de palma forrageira no Sítio em que a Agricultora Zefa reside (Povoado Riacho das Almas, Cumaru/PE).



Fonte: Autora (2024).

**Figura 3** - Junção das plantações de palma forrageira nos sítios visitados.



Fonte: Autora (2024).

A partir da troca de saberes com a agricultura Zefa (figura 4 e 5), foi relatado que além do consumo dos animais, ela vende para outros agricultores nas proximidades do sítio que realiza a plantação. Refletimos a respeito da soberania alimentar, conforme destaca Giordani (2017):

Ao estabelecer uma estreita relação entre sociedade, natureza e cultura, orientada pela sustentabilidade da vida humana e dos ecossistemas, a agroecologia, em consonância com o princípio da soberania alimentar, promove um processo de ressignificação da comida, lançando luz sobre a interdependência entre os sistemas alimentares e os diferentes modos de viver, produzir e comer (Giordani et al., 2017).

**Figura 4** - Plantação no sítio que dona Zefa faz parte.



**Fonte:** Autora (2024).

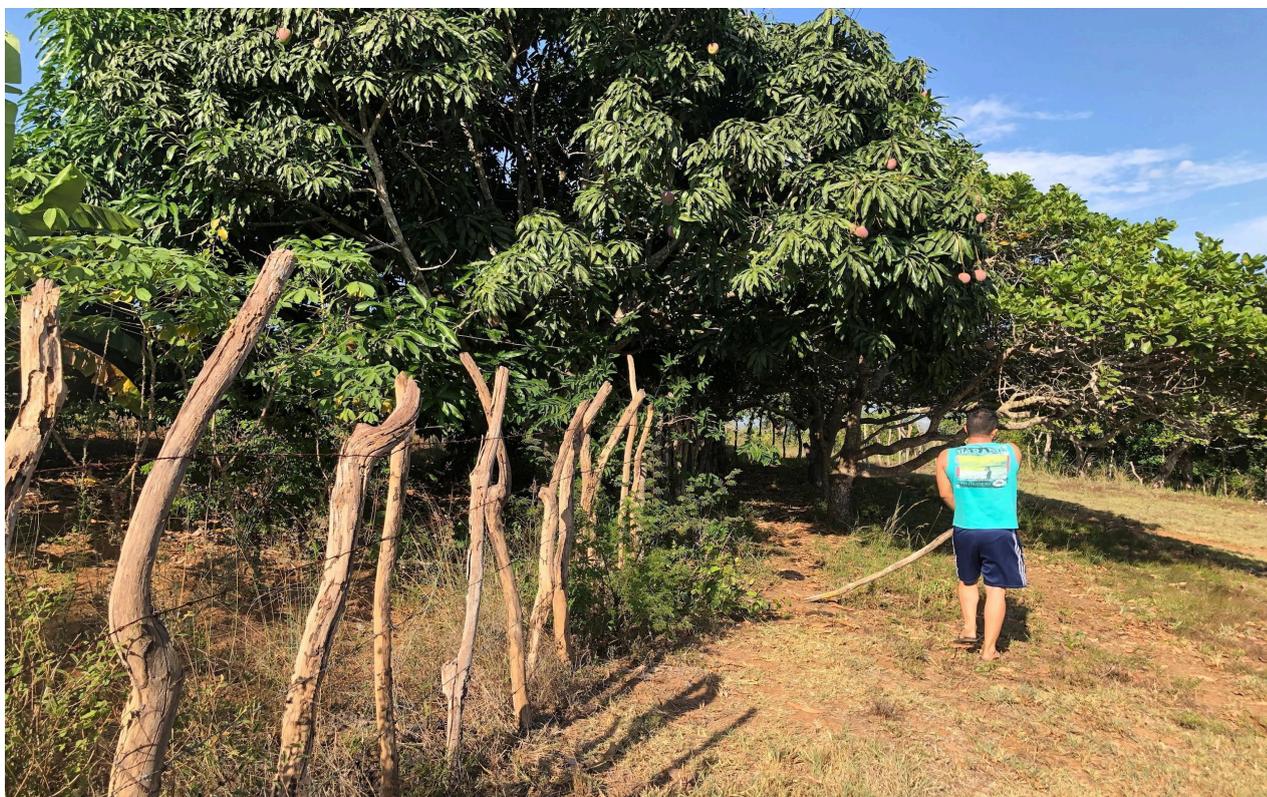
**Figura 5** - Criação de suínos no Sítio da Agricultora Zefa.



**Fonte:** Autora (2024).

No decorrer do campo, o primeiro contato presenciado com um jovem foi por meio de Júnior, a partir de sua disponibilidade apresentou as terras de sua família (Figura 6). O saber de Junior, com a herança familiar, destaca-se em meio ao seu relato sobre as atividades realizadas nas terras de sua família. Em suas falas tornou-se notório que, por mais que seu contato não seja tão direto com as práticas da agricultura em sua família, o mesmo carrega essa tradição em sabedoria e ideias para o campo. A partir dessa conjuntura, percebe-se o quanto os jovens pensam em alternativas para um melhor desempenho das atividades para beneficiar não apenas suas famílias, mas para todo o município, para o estudo de múltiplas dimensões envolvidas na agricultura familiar.

**Figura 6** - Jovem agricultor Junior apresentando as terras de sua família (Povoado Pedra Branca, Cumaru/PE).



**Fonte:** Autora (2024).

Ao apresentar as plantações presente no entorno de sua família, relatou a plantação de palma, graviola, pinha, mandioca, manga, entre outros, a plantação em destaque foi a jabuticaba. Em reflexão, no contexto de valorização de sua localidade, o jovem relata a “desvalorização” da jabuticaba. Nesse caso, devido a dada época de melhor colheita, o quanto a região poderia investir em ampliação para utilizar o cultivo relacionando à festividade para a região, construindo assim, benefícios para os agricultores e para o município.

**Figura 7** - Plantação de jabuticaba nas terras do agricultor João Tavares (Povoado Pedra Branca, Cumaru/PE).



**Fonte:** Autora (2024).

Após comunicação com o jovem agricultor, a visita dirigiu-se à residência do agricultor de 94 anos, avô de Junior e pai de 13 filhos, o Sr. João Tavares. Os plantios presentes em suas terras abrangem o milho, feijão, jerimum, jabuticaba, mandioca, palma e criação de gado (figura 7 e 8). A descrição relatada pelo Sr. Tavares carrega uma agricultura vivida desde sua infância, sendo ensinada pelos seus pais, agricultores. Fundamentado em seu relato, percebe-se que a visão da agricultura não é a mesma, onde atualmente ele nota o quanto as terras são desvalorizadas e o quanto não realiza as mesmas atividades que antigamente. Essa conjuntura é evidenciada e lembrada pelo plantio de algodão que a família Tavares realizava, no entanto, não atuam mais nesse sentido.

**Figura 8** - Agricultor João Tavares mostrando o moinho de milho em sua residência.



**Fonte:** Autora (2024).

Com alegria de um agricultor que repassa seu legado, Sr. Tavares disserta que criou sua família pela e para a agricultura, ensinando-os e separando as funções dentro de sua casa. A partir da vivência entre gerações já existente com a família, a filha de Sr. Tavares, conhecida como Teteia, apresentou o sítio, a casa de farinha presente e a criação (figuras 9, 10, 11). Ambos relataram da produção de farinha, a maior parte para consumo familiar e uma pequena parcela para comercialização local. Ademais, uma problemática mencionada aborda a questão da seca nas plantações, e o quanto afeta diretamente a colheita da mandioca para a produção de farinha.

**Figura 9** - Casa de farinha apresentada pela agricultora Teteia, filha do agricultor Sr. João Tavares.



**Fonte:** Autora (2024).

Como mencionado, o Sr. João criou seus 13 filhos imersos no meio rural, ensinando-os desde cedo as práticas que a agricultura carrega. Com sua filha, Tétia não se configurou como diferente. A perspectiva da agricultora Teteia traz uma abordagem do país como agrícola e o quanto se torna relevante relatar as práticas das tradições para o meio.

Segundo a visão para a agricultura em 2030, a EMBRAPA (2018) menciona que: “os processos como expansão e intensificação agrícolas serão ainda mais

dinâmicos e continuarão a impulsionar a velocidade das mudanças socioeconômicas e espaciais na agricultura no Brasil" (p.148).

**Figura 10** - Agricultura Tetéia alimentando sua criação de gado.



**Fonte:** Autora (2024).

Com a presente tradição da agricultura desde sua infância, a agricultora Tetia lamenta o direcionamento em que as práticas rurais têm trilhado. Dessa forma, a agricultora constrói uma reflexão da posição que a próxima geração se encontra nas práticas tradicionais da agricultura local.

**Figura 11** - Agricultora Tetéia apresentando seu sítio.



Fonte: Autora (2024).

### 3.1 Relevância da Agricultura para a População de Cumaru/PE: os desafios da permanência na terra

A agricultura é a atividade que predomina na região, caracterizando o município genuinamente agrícola, não há presença de fábricas, nem de forte comércio. A partir dessa conjuntura, a agricultura local é consolidada por meio do plantio, cultivo e consumo familiar da própria população. O comércio pode ser desencadeado pelo excedente de cultivo, acarretando na troca ou venda realizada entre os próprios agricultores.

Para a continuidade da agricultura familiar camponesa, não apenas das práticas produtivas, mas somando a relevância da tradição da agricultura da população cumaruense, verifica-se que organizações governamentais e não-governamentais, associações de agricultores e sindicatos atuam a partir de alternativas em ações para melhoria e fortalecimento da agricultura familiar camponesa e da produção rural na região.

Existe um Cadastro Nacional da Agricultura Familiar<sup>4</sup>, (CAF – ver figuras 12, 13), que funciona como uma identidade do agricultor, sendo utilizado para as pessoas se beneficiarem dos projetos fornecidos por ações governamentais. Uma das causas observadas em campo, se refere que muitos exercem a função de agricultor, mas não são registrados para o governo como agricultor.

**Figura 12** - Local onde é realizada a emissão do CAF para que os agricultores e agricultoras possam realizar o Cadastro.

---

<sup>4</sup> O Cadastro Nacional da Agricultura Familiar é o documento que dá acesso de todos os agricultores e empreendedores familiares rurais, às políticas públicas direcionadas ao segmento.



Fonte: Autora (2024).

**Figura 13** - Frente do local para Emissão do CAF. (Cadastro Nacional da Agricultura Familiar é o documento que dá acesso de todos os agricultores e empreendedores familiares rurais, bem como às políticas públicas direcionadas ao segmento).



Fonte: Autora (2024).

No decorrer das atividades em trabalho de campo, a Organização Sindical de representação da classe de todos os trabalhadores rurais e agricultores familiares locais de Cumaru foi visitada, Sindicato de Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares de Cumaru (Figuras 14,15). Foi fundada em 29 de setembro de 1971, a Instituição representa dentro do município todas as famílias que exercem

a agricultura familiar. Segundo a Presidente do Sindicato Nadjane, o organograma da Instituição se constitui em secretarias: Presidência, Vice-Presidência, Diretoria de Políticas Agrícolas e Agrárias, Coordenação de Mulheres, Secretaria de Finanças. Seu funcionamento se realiza em dias úteis, disponibilizando diariamente o atendimento junto aos associados.

Sendo mandato eletivo, renovando a presidência de 4 em 4 anos, o trabalho que permanece se dirige desde as lutas da reforma agrária até às bases familiares por meio do processo associativista, acompanhando os trabalhadores para a organização da terra e para as famílias que não as detém e que exercem sua atividade. Não possuem parceria, como citado pela Presidente durante a entrevista (2023, comunicação pessoal).

Por meio do exercício da atividade rural realizado pelo Sindicato, durante os anos, os trabalhadores rurais conseguem acessar políticas públicas e direitos previdenciários (aposentadoria rural, salário maternidade, entre outros). Esses direitos são benéficos para a população trabalhadora rural, na renda familiar; essas consultas são realizadas pelo Sindicato a fim de auxiliar os agricultores associados.

**Figura 14** - Visita ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais em Cumaru -PE



**Fonte:** Autora (2024).

**Figura 15** – Sede do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais em Cumaru – PE



Fonte: Autora (2024).

O Sindicato trabalha a pasta de previdência pela política de crédito, o PRONAF, onde obtêm pequenos financiamentos para fortalecimento da propriedade, a fim de dar continuidade às práticas agrícolas das agricultoras e agricultores com seu grupo familiar. Esse Programa de assistência tem como visão o auxílio, por meio do investimento de crédito, como incentivo rural. O uso das políticas públicas para mulher e homem no campo apoia a permanência no campo.

A Secretaria de Organização e Informação do Sindicato, realiza nas bases, por meio do Programa Sindicatos de Portas Abertas oferta de serviços beneficentes à população, atendendo as famílias, acompanhando o acesso à informação a esses trabalhadores e trabalhadoras.

Os programas governamentais e não governamentais são fundamentais para incentivar os agricultores e suas famílias a continuarem e garantir a permanência no campo, bem como das práticas agrícolas na região. A criação de ações para que o incentivo de permanência na agricultura no campo está sendo aprimorada. Questão que se torna a cada dia mais debatida está relacionada à permanência dos jovens em tais práticas agrícolas, essa questão direciona às Secretarias a discussão sobre

a vivência e demanda dos jovens no campo. Essa noção na região, alinha a busca de alternativas no sentido de tornar o campo como um lugar de perspectiva, e não como um lugar de saída. Tornar o campo como não atrativo remete a não fornecer oportunidades que levam os jovens rurais a buscarem opções no meio urbano, conforme retrata Carneiro (1999).

A juventude rural salta aos olhos como a faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, combinada com o agravamento da situação de falta de perspectivas para os que vivem da agricultura (CARNEIRO, 1999, p. 1).

A ausência da ampliação do acesso ao direito a oportunidades para juventude rural, acarreta a evasão do campo para a cidade, devido a busca de perspectivas fora do Município. A migração dos jovens para a cidade pode ser associada pela ausência de ampliação na gestão para o campo, acarretado pela limitação de oportunidades ou no desenvolvimento da mesma para as pessoas rurais. A cidade trouxe a ilusão do progresso, conforme destacado a seguir: “A cidade oferece todos os serviços, mas perdeu-se a qualidade de vida, a dimensão da natureza do ser humano e a espontaneidade do prazer de viver” (PEREIRA, 2005. p.4).

Pode-se dizer por meio de BARCELLOS (2014) que:

“As políticas públicas específicas para a juventude rural, como Nossa Primeira Terra e Pronaf Jovem, também apresentam limites. Não estão atendendo às demandas e ao anseio da juventude rural. Assim, um dos desafios para o governo é pensar quais políticas públicas são demandadas pela juventude rural”. (p.34)

Segundo BARCELLOS (2014), a juventude busca e opta pelo êxodo rural devido apenas às necessidades de trabalho e educação, sobretudo por causa da escassez de movimentos atrativos para além dos cultivos agrícolas, considerando-se em relação à esportes, lazer, atividades culturais e outros.

A falta de identificação com o lugar de nascença pode ser acarretada devido a falha na gestão de incentivos. A Presidente do Sindicato e agricultora Nadjane, relata em sua entrevista o quanto se faz necessário o aproveitamento da sabedoria

popular e a relevância de valorizar o lugar que foi berço para sua geração, e finaliza: “Um povo sem passado, é um povo sem história” (2024).

A partir da análise do campo, é perceptível a necessidade da ampliação de ações que incentivem os jovens no envolvimento com a tradição local, preservando e valorizando a prática da agricultura no Município de Cumaru. Como resposta de ação para esse contexto, organizações colaboram para promover a interligação da agricultura familiar camponesa com a Agroecologia. Nesse aspecto, o Centro Sabiá, se caracteriza como uma organização que visa essa interligação, e, assim, desenvolver ações de incentivo participativo para a prática agroecológica no meio rural.

O trabalho com as juventudes, dentro do Centro Sabiá, foi ganhando grande proporção. Em todos os territórios as demandas foram aumentando, exigindo uma nova forma de trabalhar o protagonismo infanto-juvenil. Nasce então a necessidade de discutir, dentro do Planejamento Estratégico da instituição, o lugar das juventudes (CENTRO SABIÁ, 2017).

Além disso, na edição publicada pelo Centro Sabiá, referente a posição que os jovens têm se direcionado no campo com o objetivo de mobilizar e incentivar mais a juventude rural, é ressaltado que:

“Para o Centro Sabiá, a juventude rural deve perceber em seu futuro boas condições de vida enquanto agricultores/as, embora tenhamos percebido, em nossa ação, que os/as jovens com algum estudo não gostam da ideia de serem os/as agricultores/as do futuro [...] Este eixo estratégico visa ainda ir ao encontro da necessidade de valorização da juventude rural, através do desenvolvimento do protagonismo juvenil nas suas comunidades, bem como em ações mais amplas ao nível territorial (isso considerando também que a dicotomia campo-cidade precisa ser trabalhada permanentemente, para enfrentar preconceitos e discriminações existentes). É neste sentido que estão pensadas as ações de formação, para que os/as jovens possam atuar enquanto multiplicadores/as da Agroecologia junto às famílias, na interação com as escolas, na participação em associações de agricultores e agricultoras e na atuação em comissões territoriais de jovens multiplicadores”. (Revisão do Planejamento Estratégico Institucional (PEI) 2006-2010, realizado em 2008 -p. 21 - 22).

A juventude rural busca oportunidades e métodos para uma melhor vivência na agricultura, desde a introduzir seus estudos de formação acadêmica no campo ao uso de medidas que forneçam continuidade para a agricultura familiar camponesa local. Segundo as informações das práticas de incentivo elaborado pelo Centro

Sabiá (2017), as ações vinculadas a juventude são dirigidas na perspectiva do ouvir as opiniões e desejos da juventude:

“Todas as ações são focadas na experiência, na linguagem e no saber local, por meio das metodologias da educação popular que visam o envolvimento e a construção coletiva do conhecimento. E como o reconhecimento da identidade camponesa está fortemente conectado a seus sentimentos, há todo um procedimento de escuta, valorização e reconhecimento, para fortalecer sua autoestima e valorizar sua própria opinião” (Centro Sabiá, 2017).

A mobilização juvenil vinculada com o incentivo de práticas que valorizem o saber local permite que a juventude local se desenvolva com a consciência do seu papel e do legado da agricultura. Fundamentado nessa conjuntura, a participação juvenil com ideias e ações inspira e anuncia caminhos. Dessa forma, formam-se jovens que protagonizam a construção e permanência dos saberes locais, bem como a relevância da agricultura familiar camponesa nos desafios da sociedade hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstra que a Agroecologia integra as esferas sociais, ambientais e econômicas, contribuindo para um entorno com práticas agrícolas e manejo do solo de forma consciente nas três esferas, preservando e conservando a biodiversidade. A diversidade presente na natureza e seus possíveis benefícios, faz o ser humano observá-la como fornecedora de riqueza, geradora de alimentos e fonte de matéria prima.

Ao longo dos processos de construção da humanidade, a posição que a natureza ocupa na visão humana tem resultado em lacunas, priorizando-se respostas para o “desenvolvimento” econômico, elaborando um posicionamento da natureza como produto. Essa desconexão relacional e de pertencimento humano perante a natureza, forma na sociedade uma monocultura mental, desvalorizando as práticas tradicionais dos saberes locais.

Este trabalho se constrói, a partir da compreensão do ser humano como parte da natureza, da relevância dos saberes locais da agricultura e do seu legado como tradição local. A partir dessa conjuntura, o estudo está alinhado com a vivência do território de Cumaru, município de Pernambuco, como uma referência de legado nas práticas da agricultura camponesa para as pessoas locais. Com base nas características do Município, nota-se a partir da vivência dos agricultores e agricultoras, que o criar e o cultivar para a população cumaruense carrega um valor de identidade territorial, transferido de geração em geração. Para obtenção de tal inserção, o método de pesquisa de campo foi utilizado para o melhor conhecimento da área delimitada para formação do trabalho.

Diante do que foi construído na pesquisa, foi possível reconhecer a valorização cumaruense perante a tradição da agricultura, sendo essa prática um meio relacional entre os moradores e familiares, tendo reconhecimento da prática como parte da identidade tradicional em sua vivência. A partir da trajetória traçada do trabalho, nota-se a importância da agricultura para a população de Cumaru, sendo essa a atividade de produção para o consumo direto das famílias da localidade, produzindo diversidade na criação de animais e cultivo de alimentos sem insumos químicos e venenos, portanto garantindo o auto-consumo, e a soberania alimentar. Dessa forma, é discutido entre os agricultores e agricultoras métodos para

o fortalecimento dessa atividade familiar, para que a agricultura familiar camponesa não seja apenas um método de sustento de necessidade e sem notoriedade ambiental, porém que possa ser valorizada pelo potencial social e ecológico. Ademais, perceber a agricultura como um pilar tradicional que carrega identidade para Cumaru, demonstra um povo que luta acerca de seus direitos no campo demonstrando a relevância da agricultura camponesa para o Município, e chave para a sociedade como um todo. Destaca-se, assim, a atualidade da importância da terra para agricultura familiar camponesa, da reforma agrária atrelada à Agroecologia em uma perspectiva de contrapor a monocultura – desmatamento e envenenamento, bem como a concentração da terra nas mãos de poucos, e a perspectiva fundamental de alimentar a partir da produção de diversidade para alimentação sana da população e para manutenção da relação sociedade-natureza e dos cuidados com a natureza – vegetação, água, sementes, agrobiodiversidade e biodiversidade.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Sérgio Botton. **Planejamento e políticas públicas**. n. 48 | jan./jun. 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. In: Sociedade e cultura, [S.l.], v. 10, jan.-jun. 2007.

BERTINO, Raimundo. **Criação animal é resistência no Sertão do Pajeú**. 2016  
Disponível em: <https://centrosabia.org.br/2016/09/01> Acesso: 07 de abril de 2024.

BERTINO, Raimundo. **A real contribuição da agricultura familiar no Brasil**. 2017.  
Disponível em: <https://www.embrapa.br/agropensa>. Acesso em: 07 de abril de 2024

CARNEIRO, Maria José. **O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**. In: TEIXEIRA DA SILVA, F. C.; SANTOS, R.; COSTA, L. F. C. (Orgs.) Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus/Pronex, 1999.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A, 2004, p. 57. **Agroecologia e agricultura familiar sustentável: percursos e estratégias para transição**. R. Bras. Planej. Desenv., Curitiba, v. 12, n. 01, p. 55-72, jan./abr. 2023.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. In: Crítica y Emancipación, [S.l.], n. 1, p. 53-76, jun. 2008.

CONDEPE/FIDEM. **Calendário Oficial de Datas Históricas dos Municípios de Pernambuco**. Recife: CEHM, 2006. v. 3 ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. **Diagnóstico do município de Cumaru, estado de**

**Pernambuco** / Organizado por João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Manoel Julio da Trindade G. Galvão, Simeones Neri Pereira, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

CUMARU PREFEITURA. **História de Cumarú.** Disponível em: <https://www.cumarú.pe.gov.br/institucional/historia-do-municipio/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

EMBRAPA. **Agricultura Familiar.** Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-agricultura-familiar/sobre-o-tema>. Acesso em: 01 fev. 2024.

EMBRAPA. **Visão 2030: o futuro da agricultura brasileira.** – Brasília, DF : Embrapa, 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/visao/trajetoria-da-agricultura-brasileira>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2024.

FELDENS, L. **O homem, a agricultura e a história.** Ed. Univates, 2018.

FERRAZ, Janaina Maria de Paiva. **Comissão territorial de jovens multiplicadores/as da agroecologia:** uma metodologia para mobilização das juventudes. / Maria Cristina Aureliano. Maria Laudénice Alves Oliveiras. Recife : Centro Sabiá, 2017.

PINHEIRO MACHADO, Luiz Carlos & PINHEIRO MACHADO FILHO, Luiz Carlos. **A Dialética da Agroecologia:** contribuição para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** REVISTA NERA – ANO 11, N. 12 – JANEIRO/JUNHO DE 2008 – ISSN: 1806-6755

MENESES, Marilda Aparecida. STROPASOLAS, Valmir Luiz. BARCELLOS, Sérgio Botton. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil** – Brasília : Presidência da República, 2014. 268 p. : il. – (Coleção juventude. Série estudos ; n. 1)

MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

PACS. **Mulheres e soberania alimentar: sementes de mundos possíveis.** Rio de Janeiro: Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS), 2019.136p. in. Giordani et al., 2019.

EMBRAPA. **Palma forrageira na alimentação animal** / autores, Marcílio Nilton Lopes da Frota... [et al.]. - Teresina : Embrapa Meio-Norte, 2015. 47 p. ; 21 cm. - (Documentos / Embrapa Meio-Norte, ISSN 0104- 866X ; 233).

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. **Revolução Verde.** In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 685-689.

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Agroecologia na formação universitária: da ecologia à Agroecologia e do ecossistema ao agroecossistema. **Cadernos de Agroecologia** v. 11, n. 1 (2016) 1-14p.

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. **Desenvolvimento e Meio Ambiente: o todo é maior que a soma das partes.** Plurais (Anápolis). , v.1, p.265 - 272, 2005.

ROBERTO, J. et al. **O acesso à saúde pública pelas populações rurais do agreste pernambucano.** [S.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SILVA, J. BATISTA, C. **Juventude rural e agricultura familiar: os determinantes da escolha profissional e os desafios para a formação de uma nova geração de agricultores no município de São Sebastião – AL.** Revista Científica do IFAL, n. 2, v. 1 – jan./jul. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ifal.edu.br>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SHIVA, Vandana. **Monocultura da Mente.** Ed. Gaia, São Paulo, 2003.

UZANNE, O. The end of books. Adelaide: University of Adelaide, 2014. Disponível em: <https://ebooks.adelaide.edu.au/u/uzanne/octave/end/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

TOLEDO, Victor M. **Comunidades Tradicionais e a Biodiversidade**. Instituto de Ecologia, UNAM, México. Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.brPOVOS>. Acesso em: 04 fev. 2024.

VIVIAN, Jorge Luiz. **Agricultura e Florestas: princípios de uma interação vital**. Guaíba: Agropecuária, 1998.

Palma Forrageira. Revista Cultivar, 2015. Disponível em: <https://revistacultivar.com.br/artigos/palma-forrageira>. Acesso em: 07 de abril de 2024.

## **APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O AGRICULTOR EDUARDO ENTREVISTADO EM CUMARU**

(Transcrição da gravação adaptada para o melhor entendimento da conversa).

**1.**

**P.: Tua família vem da agricultura?**

**R.:** Sim, minha família foi criada na agricultura e permaneceu na agricultura. E entre alguns deles até hoje, vivem na agricultura também.

**2.**

**P.: Todos nasceram em Cumaru? Seus pais nasceram aqui ou vieram de outro lugar?**

**R.:** Não, meu pai nasceu justamente no município de Cumaru, né? Uma parte da família é de Recife e a outra parte é de Surubim.

**3.**

**P.: Então, seus pais que passaram esse legado, essa história? Eles só tiveram um filho ou tiveram uma filha que seguiu nessa comunidade?**

**R.:** Não, só um filho. Só que meus tios, tias, minhas bisavós e avós foram quem realmente passou os ensinamentos pra gente, né, em volta da agricultura. A agricultura hoje familiar é uma área que não tem hoje tanto incentivo, devido a facilidade que hoje tem de alimentação. Só que pra quem vive na agricultura, procura buscar tanto, não só alimentação, mas como criar um animal, um gado, uma galinha, se virar de outras formas, um porco. Porque tanto faz para comercialização ou pra própria alimentação, entendeu? A agricultura é voltada a isso. E o que desperta mais da agricultura... Pra mim, no meu ponto de vista, é alimentação saudável, né? Sem agrotóxico nenhum, porque a nossa família quando veio de lá, veio raiz, a gente teve o meu avô aí, meu avô faleceu com 98 anos, minha avó tem 88 anos. Saúde pra dar e vender, entendeu? Então, o que a gente busca, no meu ponto de vista, o que eu busco é a questão da alimentação saudável. Não é nem tanto a comercialização. A nossa comercialização mais voltada na agricultura é mais

na criação, né? De bovinho, cabrinho, suíno. Então, essa parte aqui tem mais informação, né? A gente utiliza muito aquela água da criação dos peixes pra poder fazer tudo de forma orgânica, né? A questão é... são criatórios, né? São criatórios, em tanques. E aquele dejetos que a gente sempre utiliza, que devido à harmonia que é colocada ali na água, devido às fezes do peixe, devido também à ração que é colocada para eles, é um fertilizante natural incrível para a agricultura familiar, né?

**4.**

**P.: E o projeto? O que é o projeto?**

**R.:** Esse projeto... Esse projeto, quando a gente criou esse projeto contado para a agricultura familiar, foi realmente um interesse, um interesse devido também a, como eu posso dizer, oportunidade, uma oportunidade que a gente teve no município, que antes não existia. Então essa oportunidade, quando chegou na nova gestão, que está atualmente hoje, ela proporcionou essa oportunidade para os agricultores.

**6.**

**P.: E qual seria essa oportunidade, qual está acontecendo hoje?**

**R.:** É a gente poder produzir e poder fornecer. Pegando alimento, nossa alimentação que a gente produz lá na nossa comunidade é voltada diretamente para a alimentação daqui do nosso conceito.

**7.**

**P.: Fala um pouquinho como funciona aqui, eu vi ali a porta do CAF, o Cadastro Nacional, e como funciona aqui para as pessoas, trabalhadores rurais, terem esse certificado, e se eles têm realmente o auxílio, a ajuda, a assistência desse cadastro.**

**R.:** O CAF, por ele ser relacionado com a identidade do agricultor familiar, aqui em nosso município, uma das oportunidades que eles têm voltado ao CAF, e atendimento, eles utilizam mais para a questão de projetos, projeto do governo do Banco Nordeste, financiamento, mas eles são utilizados. A questão do CAF é que é utilizado mais para isso, como benfeitoria para isso. E além da gente ter, 75% do nosso município são agricultores. Eu acredito que nem 20% tem o CAF, por falta de conhecimento.

**8.**

**P.: Eu conversei com eles (agricultores) ontem e eles falaram, eu perguntei se eles tinham. Muitos falaram que não. Que muitos são vistos como agricultores, mas não são registrados como agricultores.**

**R.:** Algumas pessoas são mais novas e procuram ter um CAF. Já aqueles agricultores antigos não sabem nem o que é isso, entendeu? E não estão nem aí pra isso.

Não importa mais.

**9.**

**P.: Essa expansão de conhecimento aqui, tu acha que tem que ser uma partida mais de associações? Ou tipo, associação ligada com a prefeitura, com o governo do estado, alguma coisa assim?**

**R.:** Eu acho que o vínculo do município deveria ser, tipo, com quem emite, né? Essa documentação que é o IPA (Instituto Agrônomo de Pernambuco), o sindicato. Articular mais, beleza, pra poder passar, repassar as próximas pessoas a se organizarem. Nem a ser um agricultor, mas a ser organizado. Hoje a gente consegue fornecer alimento voltado tanto para educação como para saúde. Então a maioria, hoje eu acho que 70% da alimentação vem da agricultura familiar do próprio município. Eu acredito que em torno de 20% ou 25%. Dá uma margem aí. umas 500 pessoas só, pra 15 mil habitantes que a gente tem aqui, é muito pouco.

**10.**

**P.: Como seria se você não continuasse a vida aqui em Cumaru?**

**R.:** O que eu posso dizer quanto a isso é a questão de morar, porque é muito diferente. Tipo, se eu morar aqui na cidade, eu não tenho condições de ter uma alimentação saudável. Então eu acredito que por eu hoje estar morando num sítio, então eu procuro ter uma alimentação saudável. Então aquilo que me prende tá ali, mas não quer dizer que eu tô preso à agricultura, pro resto da vida, porque a gente sabe que o mundo se vê pequeno, não tem como. Não tem condição de você sobreviver somente da agricultura, né? Hoje a gente, como são mais jovens, procura se formar, formar em outra área, como hoje eu sou formado em segurança do trabalho, em agronomia. Então a gente procura outros meios. Mas o que dá pra viver aqui, a gente vai passando por aqui mesmo. Mas a partir de um momento que a gente vê que não dá mais, porque assim, em uma cidade pequena não dá realmente

pra viver de uma agricultura de exportação. Não tem condição de você sobreviver de uma agricultura. É mais pra alimentação saudável mesmo.

## **APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DO RELATO COM O AGRICULTOR JOÃO NO SINDICATO** (Transcrição da gravação adaptada para o melhor entendimento da conversa)

Seu João, 76 anos, um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais em Cumaru. A conversa se inicia com o relato sobre a sua vivência com a agricultura.

“Olha, minha filha, aqui na região da gente, município, é agricultado. Como se diz, a atividade principal é a agricultura. Agora eu vejo ela muito abalada, viu? Eu tenho a experiência, desde a minha juventude, da minha infância, que o que eu faço é agricultura mesmo. Eu trabalho aqui (Sindicato) desde que foi fundado. Em 1971, mas eu comecei aqui em 74. Meus pais são de Salgadinho, aquela região de Salgadinho, município de Salgadinho. Eu já vim pra cá com cerca de 10 anos de idade. Entrei para a agricultura por causa dos meus pais. Foi o melhor suplemento a fazer pra mim. Desde pequeno, muito pequeno, 7 anos de idade eu já trabalhava na agricultura. Não tem outra coisa, não tem outra coisa, a não ser a agricultura. Já foi muito boa, dá pra se sobreviver. Eu acho que foi muito mais tranquilo do que hoje. Infelizmente, eu olho assim...”

**P.: O que foi que piorou?**

[Continua] Piorou a falta de terra para só trabalhar. Eu acho que foi... Porque nessa região que a gente está, só tem dois proprietários que estão dando terra para o pessoal trabalhar.

**P.: O que o senhor planta o que? É a renda né? É a renda.**

[Continua] Na agricultura basicamente aqui é só isso. Milho, milho e feijão e às vezes fava né? Sim, tem animais também. Vaca, ovelha, porco, cabra. Galinha.

**MARIA, AGRICULTORA E TRABALHADORA DO SINDICATO, COMENTA AO OUVIR A CONVERSA.**

A gente também vê muita evasão, né? Então as pessoas estão saindo do meio rural para a cidade. Para a gente é triste, né? Para a gente como agricultor é triste por conta dessa evasão do sítio para a cidade, porque muitas vezes só o canto não dá para sobreviver. Aqui (Sindicato) ainda ajuda muito a questão das aposentadorias. A única fonte de renda do município de Cumaru é a aposentadoria rural, e a questão da prefeitura. Principalmente. Mais de 80%. É, 80% da renda de Cumaru é agricultura. É agricultura familiar para consumo próprio. Não tem exportação. Porque assim, a maioria das pessoas aqui só plantam “meia-quitinha” (“meia-quitinha” são aqueles que têm banho de terra), mas tem gente que só tem meia-quitinha, meia-quitinha não pode produzir, é só para o milho, para uma galinha, o feijão só para consumo. Tem inverno que não chove. Então... Apesar de ser semiárido... É como o Sr. João disse que a maior dificuldade é a terra. E terra que não tem. A maioria das pessoas é como adaptado de uma pessoa que tem 10 hectares, 12, 15, 20... Ou uma família que tem um hectare de trabalho justo em cima daquela área.

[Sr. JOÃO ACRESCENTA] Eu sou um... privilegiado, porque graças a Deus estou com um pedaço de terra, depois dos meus 48 anos.